

tes de Lisboa, como, mais tarde, na do republicano Manuel Clemente Cavalcanti, o rebelde de 17 e 21, para o Conselho de Estado, criado pelo Imperador. (36)

Ficava, pois, a Paraíba em perfeita sincronização com a postura do Patriarca da Independência. Porque a continuidade da dinastia e a forma monárquica se lhe afiguravam meios de preservar a unidade da Nação e a integridade territorial.

Seus eventos revolucionários estavam em sincronismo com os de outras províncias do Norte, do Centro e do Sul. Significavam antecipações liberais da monarquia emergente, daquele querer viver coletivo da jovem Nação.

(36) PINTO, Irineu — ob. cit., vol. II, págs. 10 e 29.

APRESENTAÇÃO DO ORADOR — De todas as características distintivas do povo brasileiro talvez a mais geral e constante, a que constitui a força e a fraqueza ao mesmo tempo, que se eleva pela elegância e pelo poder comunicativo, é, sem dúvida, a bondade: A sensualidade com que o povo brasileiro examina os problemas alheios, a facilidade com que esquece e perdoa as ofensas feitas por terceiros, a ausência de preconceitos raciais, a ogeriza a soluções radicais, o despreendimento, a hospitalidade, o acolhimento, são nuances deste sentimento que constitui uma força do caráter nacional.

Não devemos confundir a bondade com a cortezia porque a cortezia decorre, sem dúvida, de um refinamento da civilização. A cortezia é adquirida, nada natural. A cortezia aprimora-se com o contacto com os homens, enquanto a bondade, que é inata no povo brasileiro, é uma delicadeza sem fórmulas e sem interesses. A bondade é pura, limpa, serena, de uma simplicidade quase primária, que transcende, na maioria das vezes, a própria ternura, o próprio afeto.

Mas, senhores, se estamos neste momento apresentando o admirável historiador piauiense Monsenhor Joaquim Ferreira Chaves, é por força desse sentimento e ainda devido a essa bondade o Monsenhor ficará sereno, tranquilo e compreensivo na sua cadeira face às limitações de minha apresentação.

Senhores, nasceu o Monsenhor Joaquim Ferreira Chaves no dia 9 de março de 1913, natural de Campo Maior, no Estado do Piauí. Suas primeiras letras, recebeu-as em Teresina. Teve, nos seus primeiros anos, a mesma vida determinada para o estudante pobre de antigamente. Sempre os argumentos da palmatória, da inflexível palmatória; sempre as fisionomias congestionadas, porém convincentes, de Quasímodos — professores de antigamente; as sabatinas da tabuada, onde o pânico se apoderava das crianças; as inquirições gestapianas. Teve preocupações com as moedazinhas contadas e com as roupas puídas. Preocupações estas que, sem dúvida alguma, confundiam-se com as brincadeiras de todas as crianças dessa idade: bodoque, papagaio, cow-boy, pião, contos de fada.

Assim foi a infância do Monsenhor Joaquim Ferreira Chaves, historiador que tenho a honra de apresentar neste momento. Coursou preparatórios e terminou-os em Teresina. Seus problemas de fé — se me permite o ilustre apresentado — suas especulações de ordem filosófica foram resolvidos no curso de teologia, feito na cidade de Olinda, aqui em nosso Pernambuco. Buscou essas explicações à semelhança de mendigo insaciável porque no curso de teologia de Olinda teve o Monsenhor Joaquim Ferreira Chaves oportunidade de aprimorar seus conhecimentos culturais, vistos no sentido filosófico, científico, literário e artístico; vistos sob os prismas de criação, de crítica, de desenvolvimento; vistos como valorização de suas idéias e fixação de valores espirituais.

Voltou a Teresina com as soluções encontradas em Olinda onde, como afirmi, tinha aprimorado seus conhecimentos e, por isso, adquirindo as soluções para

as premissas das adolescências. Chegando a Teresina, foi solicitado bastante para exercer cargos de direção nos campos educacionais e sacerdotal. Exerce várias funções, como as de Reitor do Liceu Piauiense, vigário geral de Teresina por 15 anos, membro da Academia Piauiense de Letras, cadeira n.º 23, desde 1952.

Sentem todos os presentes a larga atividade no campo educacional, sacerdotal e administrativo exercida pelo meu apresentado. E não ficou só na atuação de educador, de sacerdote; houve um alargamento do professor no historiador que se iniciava.

Corria as bibliotecas à procura de jornais, jornais que se relacionavam com a época do trabalho que estava inclinado a fazer. Porque sentimos a influência intensa exercida pelos jornais, com a constante preocupação em fazer a triagem, em escolher o material para sua obra histórica. Frequentou arquivos. Sentimos a preocupação constante pela descoberta da verdade sem ufanismos pretensiosos que desvirtuam a obra histórica.

Minhas senhoras, meus senhores: a síntese é, sem dúvida, uma das características dos trabalhos de História do ilustre mestre meu apresentado. Mas a síntese não é tão fácil. Já afirmaram que uma hora de síntese equivale a anos de análises. Para fazer síntese é preciso cuidado para que o trabalho não se perca na obscuridade, um dos perigos constantes para quem escreve História. Mas nos trabalhos do ilustre mestre sentimos que um dia de síntese equivale a anos de pesquisa. Dos jornais, dos documentos, das fontes bibliográficas, dos fatos que interessam, extrai sempre o essencial deixando o supérfluo, o desnecessário, como se vê de maneira clara e indiscutível nas suas obras. Obras como "Teresina — subsídios para a História do Piauí", "O Índio no Solo Piauiense", "Campo-Maior luta pela Independência: Batalha de Jenipapo", "Como nasceu Teresina", "A Escravidão no Piauí", "O Piauí na Guerra do Paraguai".

Em todas essas notamos claramente como se firma o processo do nosso historiador em buscar a verdade histórica, em fazer a triagem para que não sejam transmitidas imagens falsas de épocas e acontecimentos. O professor alongado em historiador tem dominado a vida do meu apresentado. Sua obra é cheia de riqueza de sugestões. Tenho a certeza de que aproveitará essas sugestões para alargá-las em outras obras ainda mais definitivas.

Monsenhor Joaquim Ferreira Chaves: constitui honra para todos nós pernambucanos ou brasileiros presentes — uma vez que se misturam pessoas de outros Estados conosco — vossa presença nesta Casa, presença que trouxe até aqui membros do ministério público, membros do Instituto Histórico e outros intelectuais para conhecerem vosso trabalho. Estou sensibilizado pela oportunidade que me deram ilustres historiadores, como Nilo Pereira. Todos os presentes sentem-se profundamente honrados em ouvir vossa palavra sobre a participação do Piauí nas guerras da Independência. — PAULO MIRANDA

O Piauí e a Independência

PE. JOAQUIM CHAVES

Economicamente falando, a situação do Piauí não era má em 1821.

Nossa população concentrava-se no norte e se espalhava, também, pelos vales do Longá, do Poti e do Canindé.

A Vila da Parnaíba, porta aberta para o oceano, florescia com as exportações que por ela se faziam dos produtos da terra. Para o comércio de exportação uma Sumaca de 130 toneladas, uma Escuna de 80 e muitos barcos de 1.100 e 1.200 arrobas; botes escoavam produtos pelo rio e ainda se empregavam em carga e descarga das embarcações de rotas marítimas; cerca de 60 canoas de vários tamanhos serviam na Vila e seu termo a lavradores, negociantes e pescadores (1).

Oeiras e Campo Maior também possuíam suas embarcações que conduziam algodão, couro e sola para Parnaíba e de lá traziam mercadorias importadas.

Ao longo do rio, nos lugares em que se cruzavam os caminhos do Piauí com os do Maranhão, surgiam pequenos agrupamentos humanos possuindo todos eles suas canoas que lhes facilitavam a comunicação entre as duas Províncias. Nessas passagens, já se fazia um comércio bem razoável.

As finanças do Piauí repousavam nas rendas provenientes da pecuária. O boi é que era a nossa riqueza. Nossa rica mercadoria eram os rebanhos. Nossos mercados o Ceará, a Bahia, Pernambuco e Maranhão.

O gado era mercadoria de condições excepcionais. Ela mesma era o valor, ela mesma se transportava por si, ela mesma era o frete, para transformar-se em artigos de uso doméstico.